

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Liberal

Class.: 103

Data: 14/09/84

Pg.: \_\_\_\_\_

# Gaviões adiam protesto contra a CVRD

Os índios Gaviões vão esperar até quinta-feira da próxima semana para se reunir com representantes da Funai e da Companhia Vale do Rio Doce e definir um novo acordo. Se isso não ocorrer, eles prometem interditar os trabalhos de construção da ferrovia Carajás-Ponta da Madeira, que, com seus 890 quilômetros de extensão, será a mais importante via de escoamento de minérios do país.

Os Gaviões, que têm aldeia a 30 quilômetros de Marabá, no sudeste do Pará, iam interromper as obras ontem mesmo, mas decidiram dar um prazo até a próxima semana para que a Funai e a CVRD enviem emissários à comunidade para discutir uma nova forma de entendimento. Esta reunião poderá ser realizada na quinta-feira. A "manifestação de boa vontade", segundo o porta-voz dos índios, Kutia, resultou da informação de que ontem mesmo a empresa autorizou a compra de um caminhão e mandou entregar duas motosserras, que os Gaviões reivindicavam — sem sucesso — há dois meses.

A reserva indígena Mãe Maria possui 62.500 hectares e é habitada por 170 índios, aproximadamente. Ela foi atravessada pela linha de transmissão de energia em alta tensão da hidrelétrica de Tucuruí para o Nordeste, o que provocou um longo processo de negociação entre os Gaviões e a Eletronorte. Na parte sul, a nove quilômetros da aldeia, passará a ferrovia ligando a província mineral de Carajás ao litoral maranhense. Em 1982, após alguns desentendimentos, a Vale do Rio Doce pagou 59 milhões de cruzeiros de indenização à comunidade. Mas, por exigência do Banco Mundial, um dos financiadores do projeto de exploração do minério de ferro, a CVRD assinou convênio com a Funai para dar assistência às reservas situadas ao longo da ferrovia.

A CVRD alocou 13,6 milhões de dólares de recursos próprios para esse programa de apoio às comunidades indígenas, sendo destinados 4,5% para a reserva Mãe Maria. Mas os índios começaram a reclamar da insuficiência dos recursos e dos critérios para a aplicação do dinheiro, exigindo prestação de contas e cobrando novas providências. Na programação deste ano, eles queriam que fossem adquiridos um caminhão, duas motosserras, quatro depósitos para castanha (a principal fonte de receita da tribo), e um grupo gerador de energia. Também reivindicavam a reforma da aldeia, que, apesar de possuir casas de alve-

naria recentemente construídas, está em péssimo estado, além de financiamento para a safra de castanha.

A Funai, porém, apenas reformou duas casas da aldeia, levantou a estrutura da caixa d'água e fez algumas melhorias. Os Gaviões esperavam 13 mil dólares para financiar a produção de castanha (são os principais produtores da área), mas só receberam o equivalente a cinco mil dólares, "que não dá para o serviço", explica Kutia. Dos 15 mil dólares exigidos pelo projeto da caixa d'água, "chegaram apenas cinco mil". Os índios têm ainda um problema imediato: adquiriram dois milhões de cruzeiros em medicamentos, confiantes na verba de saúde do convênio, e agora não têm como pagar a conta.

### Inviável parar a obra

"A Companhia Vale do Rio Doce considera inviável parar uma obra tão grande como a construção da ferrovia por causa de motosserras, quando nós estamos dando muito mais do que os índios mesmos pediram, como caminhões, tratores, lanchas, residências, hospitais, escolas, sementes, colhedeadoras, tudo enfim..."

A afirmação foi feita ontem pelo assessor jurídico da Companhia Vale do Rio Doce, Amado Rodrigues, que está em Belém, a propósito de noticiário dando conta que os índios Gaviões da reserva Mãe Maria no Sul do Pará, estariam tentando impedir o avanço da ferrovia Carajás-Itaqui, que, por sinal ontem chegou ao território paraense, entrando pelo município de São João do Araguaia.

Segundo Amado Rodrigues, é totalmente "inviável e inacreditável" a posição assumida pelos índios, que acusam a CVRD de não lhes ter entregue motosserras, "porque nós estamos dando a eles muito mais que isso". Amado acrescenta que existe um convênio entre a CVRD e a Fundação Nacional do Índio (Funai), mediante o qual a Vale repassará até o final da implantação das obras, 13,6 milhões de dólares para serem aplicados em projetos sócio-econômicos nas 14 reservas indígenas atingidas pela construção da ferrovia. "Nesse convênio estão incluídos desde residências, hospitais e escolas, até lanchas, caminhões, tratores, sementes e colhedeadoras... e nos projetos nunca se falou de motosserras...além do mais, é inacreditável que isso parta dos Gaviões, porque o cacique Kokretum sempre foi amigo nosso, da Vale, e foi o único a negociar um acordo por fora do

convênio CVRD-Funai, mediante o qual recebeu cerca de Cr\$ 60 milhões como indenização pela passagem da ferrovia pela reserva Mãe Maria".

Informou Amado Rodrigues que o assunto está entregue ao coordenador de construção da ferrovia, Romildo Coelho, e ao assessor da gerência geral de administração, Francisco Palhares, no Rio de Janeiro, que até ontem desconheciam oficialmente a questão.